

Teresa Mesquita- Nascida e criada em Santo Tirso, terra marcada pela presença religiosa consagrada no Mosteiro de São Bento da Ordem Beneditina, a Prof. Doutora Rosa Moreira fez de sua instrução primária em São Tomé de Negrelos, sua terra natal, daí seguindo para o Colégio de Nossa Senhora da Conceição em Guimarães onde foi aluna interna, e depois para o Colégio das Caldinhas e daí ingressando na Universidade Católica de Braga, no curso de Filosofia, área em que doutorou. Esta formação eminentemente católica é a sua trave-mestra na forma como conduz a sua vida?

Prof. Doutora Rosa Moreira - No crescimento de qualquer ser humano a presença de modelos ou Referências é fundamental para o carácter. Nasci numa família católica e toda a educação no seio da família esteve marcada por um compromisso efetivo da vivência dos valores cristãos. Aos nove anos entrei para o Colégio das Irmãs Franciscanas. Nos anos setenta, a educação e a formação que era ministrada às alunas internas de um Colégio Franciscano era muito estruturada e exigente. Foi, sem dúvida, uma fase muito importante para a minha formação integral. A consciência da responsabilidade, a aprendizagem do saber estar e do saber fazer, desenvolver competências de relação e compromisso com os outros eram áreas muito trabalhadas na vivência do dia a dia no Colégio. Havia horas para tudo. Os dias eram rigorosamente planificados, desde as sete horas da manhã até às vinte e duas. E assim foi até aos quinze anos, altura em que entrei para o Colégio das Caldi-

nhas e passei a receber a educação e formação de rigor e atenção aos outros que os Jesuítas ministraram nos seus Colégios. A orientação que era dada, e que ainda é, nos colégios da Companhia de Jesus, com base na "pedagogia inaciana", foi muito importante naquela fase da adolescência e juventude.

Na altura em que entrei para as Caldinhas, ainda havia regime de internato para os rapazes. Mas a dinâmica de abertura era diferente da que existia no regime de internato das irmãs Franciscanas. Eram idades diferentes. Fiz grandes amigos e aprendi muito sobre a forma de estar e viver em sociedade... Fiz depois os meus estudos superiores, incluindo o doutoramento, também sob a orientação dos Jesuítas, na Faculdade de Filosofia de Braga, integrada na Universidade Católica.

Olho para a infância e juventude com um profundo sentimento de gratidão, em primeiro lugar aos meus pais e depois a todos quantos contribuíram, de algum modo, para a minha formação humana e académica. Naturalmente, que, à medida que crescemos, vamos fazendo as nossas opções, definindo os nossos caminhos, mas os valores, os modelos e as referências fundamentam e orientam a nossa vida. São um porto seguro! E se algum dia andamos à deriva, funcionam sempre como um farol.

TM - Amanhã das pautas e das notas musicais e de que é detentora de um curso de Música tendo-se profissionalizado e leccionado nesta área no ensino oficial entre 1980 e 1991, e especializado, na Suíça, em Musicoterapia, podemos perguntar se a Música é o seu refúgio sempre que tem

necessidade de se alhear um pouco da azáfama do seu dia-a-dia?

PDRM - Comecei a aprender música precisamente no Colégio quando tinha nove anos, fazia parte da formação. Aos dezasseis anos comecei a dar as primeiras aulas de música. Cresci com a música! Mais tarde conjuguei o estudo da música com a filosofia e a leccionação. Foi uma experiência de vida muito enriquecedora. Quando decidi ir para a Suíça estudar musicoterapia, descobri o quanto os sons podem fazer pelos seres humanos. Trabalhei com crianças autistas durante três anos. Hoje sei, por experiência vivida, que a música tem um poder ilimitado.

Não costumo fazer da música um refúgio, mas o meu porto de abrigo... Ouvir música é, para mim, quase um ato sagrado. E preciso estar ali: no mundo dos sons. Quando podemos escolher o que queremos ouvir, sobretudo em momentos intencionalmente procurados, é como que recriar ou construir algum momento da nossa própria existência. Aprendi, com a experiência, que a música, quer na sua vertente mais artística quer na sua vertente terapêutica, pode transformar as pessoas e muitas vezes, a própria vida. Mas, apesar da beleza e do poder imenso dos sons, quando preciso de sair da azáfama dos dias, procuro as "pausas", ou seja, o silêncio.

TM - Um dia a Sãnhora Reitora disse que a Universidade tem um papel fundamental na "gestão do saber não apenas no saber fazer, mas também de saber como e quando fazer". Sente que hoje os nossos jovens têm mais dificuldade em aplicar os conhecimentos aprendidos em relação às gerações anteriores?

PDRM - Os nossos jovens desenvolvem hoje competências que lhes permitem pensar e decidir, com convicção e segurança, como devem ou podem atuar em determinadas situações. O desenvolvimento tecnológico proporciona, também, ferramentas poderosíssimas de apoio à decisão para quase todos os campos de atividade profissional. As gerações são, em muitas dimensões, como não podia deixar de ser, muito diferentes. A realidade social, científica e tecnológica de hoje, é diferente da das gerações anteriores. A informação é global, está permanentemente acessível e quase sem filtros ou controlo.

Neste contexto, penso que o mais importante é formar os jovens para a responsabilidade, para o compromisso, para a fidelidade a valores que lhes permitam fazer opções conscientes acerca do caminho que querem seguir e do mundo que querem construir. Os jovens são criativos, inovadores, dinâmicos e muito receptivos ao risco. E tudo isso é, na minha opinião, muito positivo e representa um grande potencial para o desenvolvimento da sociedade. No entanto, parece-me necessário ajudá-los a desenvolver autênticos modelos e referências mais humanistas, que os ajudem a canalizar as suas competências para a construção de uma sociedade mais justa e mais sustentável do que aquela que as gerações anteriores lhes estão a deixar.

Infelizmente, nem sempre o universo que nos envolve lhes mostra as tais referências onde a coerência e o compromisso devem ser valores inalienáveis. Neste domínio, todos nós temos responsabilidades, e muitas,

GRANDE ENTREVISTA COM... PROF. DOUTORA ROSA MOREIRA REITORA DA UNIVERSIDADE LUSIADA DE FAMALICÃO

Na sequência de um conjunto de doze entrevistas que nos propusemos realizar neste ano das Grandes Comemorações do Jornal de Famalicão, mergulhamos no mundo da Academia e fomos conhecer um pouco mais da Mulher que está por detrás dos destinos académicos da Universidade Lusíada de Famalicão, Prof. Doutora Rosa Moreira. Em 2004 quando foi nomeada para chefiar a Reitoria desta instituição era o mais novo Reitor no ensino universitário português tendo sido a primeira mulher a assumir este cargo, na Universidade Lusíada. No ano em que comemora uma década à frente de tão importante cargo procuramos saber mais da vida, obra e pensamento da Magnífica Reitora – Prof. Doutora Rosa Moreira.

TM - Será que as Universidades Portuguesas de hoje continuam a ser apenas os locais onde o conhecimento é transmitido, ou afirmam-se cada mais como as "casas" onde o conhecimento é gerado e desenvolvido servindo de base para o progresso e inovação da Humanidade?

ética.

TM - As Universidades nunca como no presente deixaram de ser espaços estanhos onde se guardam e discutem as diferentes formas do saber. A Universidade Lusíada de Famalicão é disso exemplo. Acredita que as sinergias criadas ao longo das últimas décadas entre a Universidade Lusíada de Famalicão e o tecido empresarial e industrial tem servido para o desenvolvimento e criação de riqueza no conceito e não só?

PDRM - Há hoje uma participação ativa dos estudantes na investigação. A pedagogia universitária comporta as duas vertentes: "nutrir de conhecimentos" e gerar processos de aprendizagem, de descoberta, de desenvolvimento científico, técnico e humano. As grandes conquistas da Humanidade passam naturalmente pela investigação e pelo conhecimento. Mas não podemos esquecer que não podemos progredir sem uma profunda consciência da nossa responsabilidade social e

PDRM - A Universidade Lusíada integra esta nobre, dinâmica e empreendedora Comunidade do Vale do Ave, há já 25 anos. É um quarto de século de plena dedicação ao desenvolvimento da região através da valoriza-

se tem conseguido adaptar ao longo destas últimas décadas um edifício com tanta riqueza histórico-patrimonial com as necessidades de uma Instituição de Ensino Superior de excelência?

PDRM - O edifício já albergou, de facto, o hospital, depois o liceu, e serve hoje a Universidade. Quando se entra na Universidade, respira-se beleza arquitetónica, história, conhecimento e muitas histórias de vida. A traça original mantém-se. As adaptações passaram pela construção de novos edifícios onde se instalaram os laboratórios, biblioteca, cantina, salas de aulas, auditórios e um salão nobre. A riqueza histórica e patrimonial do edifício está hoje muito para além do tempo e da história. Costumo dizer que a Universidade é um espaço de esperança, de conhecimento, de vida e de futuro. É um espaço de humanização da própria história, da vida, do tempo e do mundo. No fundo, parece evidente que o edifício nasceu para servir a comunidade, dando, em cada época, a resposta certa às suas necessidades

TM - Como se sente a Magnífica Reitora, Prof. Doutora Rosa Moreira, no ano em que a Universidade Lusíada faz vinte e cinco anos, ser também o ano em que comemora dentro de alguns meses (21 de Dezembro) dez anos como Reitora desta Instituição de Ensino Superior?

PDRM - Em 1989 lançamo-nos na concretização de um sonho: dar vida ao Ensino Superior em Vila Nova de Famalicão.

Como todos os grandes projectos, também a Universidade Lusíada nasceu da iniciativa, da vontade e da determinação de homens e mulheres que, projectando o futuro, muito para além de si próprios, tiveram a audácia e a virtude de congregar à sua volta outras vontades, integrando-as num mesmo sonho, dando vida a esta realidade.

Devemos reconhecer que há 25 anos, ousar trazer o Ensino Superior, a Universidade Lusíada, para esta região foi um gesto e um acto de visionários. Mas é uma aposta ganha, não tenho dúvidas. E aqui, não posso deixar de salientar o papel determinante do Núcleo dos Empresários do Vale do Ave (NIVA) e de amigos de Famalicão, para a concretização deste sonho. A quem devemos estar, todos, incondicional e mutuamente, gratos. Também por isso, ser Reitora desta Instituição é para mim uma honra. É uma função que desempenho com plena consciência da responsabilidade, da exigência e da dedicação que implica o Serviço aos outros, à causa pública, à Educação.

TM - Primeira Reitora da Universidade Lusíada é uma das poucas mulheres em Portugal a desempenhar tão alto cargo no Ensino Universitário Português. Como tem gerido toda esta responsabilidade e protagonismo mediático de ser o rosto da Universidade Lusíada de Famalicão?

PDRM - Em 2004 o Ministério da Ciência e do Ensino Superior reconheceu e atribuiu o Estatuto de Utilidade Pública à Universidade Lusíada de V.N. de Famalicão. Em Dezembro de 2004 assumi as funções de Reitora da Instituição, cargo que procuro desempenhar com o sentido de Missão com que aceitei e convi-te que me foi feito pelo Chanceler da Universidade e pelo Conselho de Administração da Fundação Minerva, entidade instituidora das Universidades Lusíada. Numa perspectiva mais pessoal, quando se vive a dedicação

plena a uma causa em que se acredita, a responsabilidade impõe-se de tal modo que procuramos ser tudo o que é imperativo que sejamos e faz-se o que em consciência se deve fazer. Mas há momentos difíceis, não posso esconder. Quando o serviço aos outros é a razão e o fundamento da nossa acção, o "medialismo" não existe, não faz parte da equação!

Procuro gerir o meu trabalho e a minha vida com plena dedicação à missão que assumi, quer relativamente à instituição, quer relativamente às pessoas, que esperam, como é natural, a máxima dedicação.

TM - Na qualidade de Reitora da Universidade Lusíada de Famalicão que desafios e dificuldades enfrenta hoje o Ensino Universitário Português?

PDRM - Em qualquer época, e em qualquer circunstância, a Universidade é um pilar do desenvolvimento da sociedade. É verdadeira que a época em que vivemos parece apontar para um futuro incerto ou mesmo improvável. Mas a Universidade não pode deixar de ser, e de se afirmar como um centro do conhecimento, de investigação e de desenvolvimento por excelência; como um suporte para a competitividade; como um espaço de criatividade que garanta a liberdade e promova oportunidades de expressão da vida nas suas múltiplas dimensões.

A riqueza de um país e de uma comunidade pode aferir-se pela expressão da formação dos seus cidadãos e da sua cultura. E a cultura, todos sabemos, expressa-se pelos atos criativos, inovadores, livres e empreendedores, dos indivíduos e instituições, que se desenvolvem, progredem e realizam, em comunidade.

Creio que, a consciência desta realidade, deveria orientar a visão dos responsáveis pelo planeamento das políticas educativas para a igualdade de oportunidades, a liberdade da educação e para uma formação e educação inclusivas.

TM - Que mensagem gostaria de deixar a todos os jovens e em especial aqueles que vão ingressar no Ensino Superior?

PDRM - A época que vivemos é uma época de grandes incertezas e consequentemente, um tempo de grandes desafios que exige de todos nós muita coragem, força, determinação, capacidade de discernimento e muita sabedoria.

Não podemos deixar de acreditar no futuro. E acreditando nos nossos sonhos que faremos mover os dias. É tendo Esperança de que com a nossa vontade, dedicação e empenho, estaremos a construir um mundo diferente, melhor onde através do conhecimento seremos mais felizes e ajudaremos muitos outros a serem, também, felizes. Eu acredito que através do conhecimento e do saber os jovens de hoje serão homens e mulheres de futuro e com futuro.

